



## PERSONAGENS EMOLDURADAS: OS DISCURSOS DE GÊNERO NO BIG BROTHER BRASIL

Katianne de Sousa Almeida <sup>1</sup>

A televisão pode nos levar a pensar sobre a sociedade, pois ela traz elementos para refletir as relações sociais e seus programas nos mostram traços destas relações, como a valorização das formas do corpo, a exacerbação da sexualidade, a sacralização da família heterossexual, entre outros aspectos em que se ressalta que os produtores dos programas estão inseridos numa teia de relações que caracterizam a nação brasileira, e internalizam certos valores que, conseqüentemente, aparecem na produção e transmissão dos programas.

Neste artigo farei considerações sobre o conteúdo discursivo do programa BBB em sua décima edição, ressaltando a exposição de poder sobre os corpos, sobre posturas, sobre papéis sexuais. Com o slogan de BBB da diversidade, pois o programa contava com três participantes homossexuais, sendo uma lésbica (Angélica), um gay (Sérgio) e uma drag queen (Dicesar) a produção do programa assim como a recepção a estes participantes (vista nos *blogs*) não fugiu aos paradigmas morais e modelos corpóreos que delimitam os campos do aceitável, do dizível, do compreensível, ou seja continuou-se reproduzindo as representações tradicionais da “natureza” feminina e “natureza” masculina e a “natureza” homossexual.

### *A construção das sisters pelo programa*

Conforme Mauss (2003) o sujeito é uma construção social dentro de cada sociedade, isso nos dá alguma indicação sobre a variabilidade da cultura em nosso planeta. A nossa forma de andar, de sentar, de olhar, de gesticular, de falar, de fazer sexo, enfim todas as ações que envolvem o uso de qualquer parte do corpo não estão implícitas na nossa morfologia. O conjunto de nossas atitudes é resultante de uma construção social, ou seja, o social opera no âmbito mais íntimo do indivíduo, o *locus* concreto do ser: o seu corpo. Desta forma, analisar as construções dos sujeitos de um programa de televisão é objeto da antropologia, por excelência.

Os programas de televisão compõem um *locus* especial de análise da ação do discurso e das imagens modelando os corpos e assujeitando-os a certa representação do feminino e do masculino. Este recurso do cotidiano de polarizar a diversidade humana em formatos binários – mulher e homem – é uma tentativa de se criar valores e modelos de perfis físicos, morais e mentais do

---

<sup>1</sup> Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás. ksantropologia@gmail.com.



homem verdadeiro e da mulher verdadeira. O homem assim como a mulher são submetidos a modelos de performance e comportamento no qual se constroem os estereótipos.

Vejamos abaixo nos resumos dos perfis, retirados do sítio oficial do BBB<sup>2</sup>, das nove participantes (as *sisters*), sete por mim selecionados, pude identificar facilmente as representações que continuam mantendo os lugares tradicionalmente traçados segundo a ideia de natureza feminina. Sendo esta ligada a docilidade, a passividade, a emotividade, a intuição.

### *Agora que são elas*

Aqui enfoco os perfis das *sisters* demonstrando que há um enfoque as referências quanto a afetividade, a sobreposição dos sentimentos à razão e a sexualidade. Em cada apresentação das *sisters* também as envolvi numa moldura (em referência ao título deste artigo) que não foi de forma alguma aleatória, seguiu o formato da edição do programa e, muitas vezes, como a participante queria ser reconhecida publicamente.



**Figura 1 – Anamara: a mulher foga**

“Anamara não esconde a vontade de **arrumar um amor** dentro da casa. (...) Quanto ao jogo, Anamara garante não ter criado nenhuma estratégia em relação à convivência com o grupo. ‘Lá dentro vale tudo, menos passar por cima das pessoas. Eu só não suporto picuinha. Se não gosto de alguém falo na cara’. A baiana garante que **não leva desaforo pra casa**. ‘Se for pra **arrumar confusão** vamos que vamos. Vou mostrar o que a baiana tem’”. (grifos nossos).<sup>3</sup>



<sup>2</sup> Fonte: [www.bbb.globo.com](http://www.bbb.globo.com)

<sup>3</sup> Anamara. Disponível em < <http://bbb.globo.com/BBB10/Participantes/l/> > Acesso em 10 de maio de 2010.



### Figura 2 – Fernanda: mulher perfeitinha

“**Tímida e religiosa**, a cirurgiã dentista afirma que não tem intenção de ficar com ninguém durante sua passagem no BBB e que sua maior companhia no programa será a Bíblia”. (grifos nossos)<sup>4</sup>



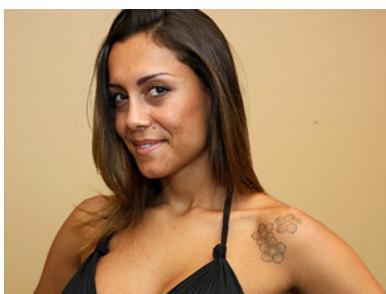
### Figura 3 – Angélica: mulher com personalidade

“Seu maior receio dentro da casa é passar por arrogante, mas ela avisa: Eu tenho personalidade forte, mas não quero que confundam com grosseria’. Angélica abomina a falsidade e diz que a convivência na casa pode ser bem melhor se cada um respeitar o outro. ‘Uma das coisas que todos podem esperar de mim é o respeito **Não me irrita fácil, não sou barraqueira**’” (grifos nossos)<sup>5</sup>



### Figura 4 – Anamarcela: mulher apaixonada

“Depois de um ano solteira, Ana Marcela se envolveu com um rapaz há pouco tempo e **se diz apaixonadíssima**. Não está namorando, mas pretende se **declarar para ele dentro da casa**, na frente de todo o Brasil. Nem por isso, a sister descarta a hipótese de, no decorrer do jogo, se render ao encanto dos colegas de confinamento. Sexo na casa ela diz que não faria, jamais. (grifos nossos)<sup>6</sup>



<sup>4</sup> *Fernanda*. Disponível em < <http://bbb.globo.com/BBB10/Participantes/>> Acesso em 10 de maio de 2010.

<sup>5</sup> *Angélica*. Disponível em < <http://bbb.globo.com/BBB10/Participantes/>> Acesso em 10 de maio de 2010.

<sup>6</sup> *Ana Marcela*. Disponível em <<http://bbb.globo.com/BBB10/>> Acesso em 10 de maio de 2010.



### Figura 5 – Lia: mulher dinamite

E não só nas festas ela promete agitar o jogo. ‘Vou tentar domar um pouco meu gênio, sou **impaciente**’, confessa. ‘Sou marrenta, **sou emotiva**, sou chorosa, mas não aguento frescura. Nem em mulher, nem em homem... Em homem, então, pelo amor de Deus!’ , ressalta a paulista de personalidade forte. (grifos nossos)<sup>7</sup>



### Figura 6 – Tessália: mulher mãe

**Mãe** de Valentina, de quatro anos, Tessália admite **que sentirá falta da filha**: ‘A Valetina vai ficar com minha mãe. Estou tentando não pensar muito nisso, senão não vou ficar focada no jogo’. (grifos nossos)<sup>8</sup>



### Figura 7 - Elenita: a mulher rebelde

“A gente nasceu para ser feliz”. Essa é a frase que guia os passos de Elenita, doutora em lingüística de 30 anos. A professora universitária brasileira , é também DJ nas horas vagas e **conta que já foi muito “certinha”, mas hoje vive uma fase em que faz tudo o que tem vontade**. Assim como a carreira como DJ, a decisão de Elenita de se inscrever no BBB faz parte de uma mudança de rumos. ‘Vou fazer o que tiver com vontade’” (grifos nossos)<sup>9</sup>

Nos perfis destas participantes supracitadas grifei alguns termos que evocam o debate que se acirrou na literatura contemporânea sobre a sexualidade e gênero: natureza versus cultura. Conforme os estudos de Foucault (1985, 2004), Rich (1980), Rubin (1989,1993), Wittig (2006), Butler (2005), Scott (1996,2005), Heilborn (1994) e Petchesky (s/d)., entre outra e outros, já se superou a ideia que o sexo é vinculado ao natural, ao instinto e o gênero à cultura.

<sup>7</sup> Lia. Disponível em < <http://bbb.globo.com/BBB10/Participantes/l>> Acesso em 10 de maio de 2010.

<sup>8</sup> Tessália. Disponível em < <http://bbb.globo.com/BBB10/Participantes/> > Acesso em 10 de maio de 2010.

<sup>9</sup> Elenita. Disponível em < <http://bbb.globo.com/BBB10/Participantes/> > Acesso em 10 de maio de 2010.



Tendo como base os argumentos de Butler (2005) a categoria sexo assim como a categoria gênero são todas discursivas e ligadas à esfera da cultura. O sexo, portanto, não é uma substância, ou algo entranhado nos genes humanos, ele é relacional, ou seja, só existe o sexo feminino porque há o estabelecimento de diferenças com o sexo masculino. A identidade que é vinculada ao sexo feminino existe devido a sua referência ao sexo masculino.

Conforme Rubin (1989) e Wittig (1980) o sexo nunca é algo da natureza depois é transformado em cultura, o sexo sempre é político, faz parte da cultura, é um discurso, uma linguagem. E como discurso é a própria percepção do real, exercendo, portanto, um poder bem definido sobre todas as pessoas.

Como Butler (2003) faz uma desconstrução dessa visão sexo/gênero, logicamente, também crítica a ideia de que está intrínseco à mulher ser emotiva, passiva, recatada, mãe e objeto de desejo, sexualizável. Para ela o corpo não tem nenhum significado já dado, ou seja, pré-estabelecido. Houve uma regulação por parte de anos e anos de dominação masculina que impôs a condição de proliferação da humanidade resignada à mulher.

Na verdade, vincular à mulher, a maternidade, a passividade e as emoções, ou até mesmo a rebeldia são discursos de poder sobre os corpos, sobre posturas, sobre papéis sexuais. A maternidade, por exemplo, é uma forma de regulação do corpo da mulher para a heterossexualidade compulsória ou para a manutenção da estrutura binária dos gêneros. Em que se identifica a natureza com o sexo feminino, desta forma, é um meio que precisa ser domesticado e regulado, já que a natureza é ligada ao caos e é necessária a intervenção da cultura, concebida na lógica do dualismo/binarismo como masculina que repreende a natureza desordenada.

Muito dos comportamentos e atitudes frisadas nestes depoimentos das participantes acima mostram condutas que precisam ser domesticadas, como a impaciência, o “não levar desaforo para casa”, a arrogância; todas essas características tentam passar uma concepção da mulher como um ser apegado a suas emoções (plano da natureza) e que precisa ser “domada” pela razão, por aquilo que é tido como racional (plano da cultura).

Portanto, percebe-se que há uma naturalização das noções que são construídas culturalmente. Isso é um subterfúgio dos discursos de dominação para subjugar um sexo pelo outro, admitindo que haja uma divisão natural entre homens e mulheres e que cada um encontra-se sob uma estrutura, sendo a primeira relegada à natureza e o segundo à cultura. Essas considerações repetidas forma como considerou Wittig (2006) espírito e corpo, porque controla toda a produção



mental, agregando o espírito de tal maneira ao corpo que não se consegue imaginar algo fora deste binarismo.

Dentro desta perspectiva afirma Swain (2001):

Assim, no Ocidente, as representações das mulheres vêm sendo diabolizadas ou santificadas, e estas expressões compõem a noção de uma natureza sexuada selvagem, rebelde, má, cuja domesticação resultaria na imagem da 'boa', da 'verdadeira' mulher. Os discursos fundadores destas 'certezas' em torno do feminino vão de Aristóteles a Paulo de Tarso, passando por inumeráveis caminhos discursivos e temporalidades diversas, entre o medievo e a modernidade<sup>10</sup>.

O perfil das mulheres acima as desenhou em torno de assuntos relacionados a sedução e sexo, família, casamento, maternidade e futilidades. A ausência de um pensamento estratégico e prático diante de um jogo que vale um milhão e meio de reais demonstra o descrédito ao próprio nível intelectual das mulheres que participam do *reality*. Muitos enfocam que as mulheres que estão ali pensam mais em sua imagem para receberem convites das revistas masculinas, como *playboy* e *sexy*, do que a capacidade de ganharem o jogo por suas qualidades e comportamentos.

Abaixo disponibilizo algumas notícias do sítio oficial do BBB em que se constata o interesse em saber se as *sisters* posariam para revistas masculinas em seu momento de eliminação (saída) da casa e também durante suas trajetórias, como se estivesse vinculado (pacote) a participação no Big Brother Brasil e concordar com um ensaio nu para revista masculina.

**Notícia em 13 de janeiro no sítio oficial do programa**

Ana Marcela já pensa em posar nua. Pernambucana diz que aceitaria propostas mais leves<sup>11</sup>.

**Notícia em 16 de fevereiro no sítio oficial do programa:**

Sisters imaginam como seria revista masculina de cada uma. 'Tenho certeza que você vai ter umas fotos no meio do chantilly com um morango na boca', diz Cláudia, sobre Angélica. O assunto agora é sobre posar em uma revista masculina. As sisters não escondem a vontade de posar nuas<sup>12</sup>.

**Notícia em 17 de fevereiro no sítio oficial do programa (no dia de eliminação):**

Bial não perde a oportunidade de perguntá-la se ela posaria nua. Elenita é categórica: "De jeito nenhum. Não percam seu tempo comigo", decreta<sup>13</sup>.

**Notícia em 24 de fevereiro no sítio oficial do programa (em dia de eliminação):**

Angélica diz que posaria nua com Cláudia. Sobre posar nua, Angélica afirma: "Com certeza". A sister revela que já fez alguns ensaios sensuais. A jornalista diz ainda que posaria até com Cláudia. "Posaria com a Cacau e com todas as meninas da casa. Nunca vi um Big Brother de pessoas tão cabeça aberta", completa<sup>14</sup>.

**Notícia em 03 de março no sítio oficial do programa:**

<sup>10</sup> SWAIN, Tânia. N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas". In *História: Questões & Debates*, n.34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p.15-16

<sup>11</sup> Ana Marcela já pensa em posar nua. Disponível em <<http://bbb.globo.com/BBB10/Noticias/0,,MUL1444735-17402,00-ANA+MARCELA+JA+PENSA+EM+POSAR+NUA.html>> Acesso em 23 de maio de 2010.

<sup>12</sup> Sisters imaginam como seria revista masculina de cada uma. Disponível em <<http://bbb.globo.com/BBB10/Noticias/>

<sup>13</sup> Entrevista: Na balada ficaria com Cadu. Se conversasse com ele, não. Diz Elenita. Disponível em <<http://bbb.globo.com/BBB10/Noticias/>> Acesso em 24 de maio de 2010.

<sup>14</sup> Chat – Angélica diz que posaria nua com Cláudia. Disponível em <<http://bbb.globo.com/BBB10/Noticias/>> Acesso em 15 de maio de 2010.



No Puxadinho, ensaio sensual é tema de conversa. Michel diz que comprará dez revistas de cada sister. O papo está animado no Puxadinho. Depois de Dourado e Anamara cantarem alguns funks, os brothers conversam sobre ensaios fotográficos sensuais<sup>15</sup>.

**Notícia em 29 de março no sítio oficial do programa (dia da eliminação de Lia):**

Lia sobre posar nua: Tem que ser uma coisa que valha muito a pena. Sobre futuras propostas para posar nua, Lia ainda é indecisa: "É uma grana legal, mas tem que ser uma coisa que valha muito a pena. Preciso pensar com calma", explica a dançarina<sup>16</sup>.

**Notícia em 31 de março no sítio oficial do programa (dia de eliminação):**

Fernanda diz que não sabe se vai posar nua. Sobre a possibilidade de posar nua, Fernanda está em dúvida. "Eu não sei ainda"<sup>17</sup>

Essa representação do feminino veiculado pelo BBB pretende a homogeneização da condição feminina e a recuperação da imagem da verdadeira mulher feita para o amor, a maternidade, a sedução, a complementação do homem.

O reality show – Big Brother Brasil – assim como as novelas e outros programas de televisão representam demasiadamente a mulher no universo do privado, dos cuidados com a beleza, da emoção, da fofoca, do romance e do consumismo, sendo assim um universo oposto ao domínio da racionalidade, da conversa substantiva, do trabalho e do suporte familiar associado ao universo masculino. Essas seriam considerações estereotipadas das relações de gênero que tomam como base os tipos ideais – conceitos puros e fixos – citados por Weber.

Conforme Weber (2004) tomar como análise os tipos ideais é ter como objetivo criar tipologias puras que são recursos analíticos baseados em conceitos. Uma das principais características do tipo ideal é o fato de não ter correspondência com a realidade, mas como um instrumental para compreensão desta realidade. Quando se tem como método a criação de tipos ideais, há a necessidade de classificar e comparar fatos sociais produzidos em uma mesma sociedade para descobrir seus traços comuns, de modo a estabelecer os tipos ideais puros das ações sociais, com suas regularidades, tendências, fatores e efeitos sociais.

Entretanto, se o conceito de tipo ideal corresponde, no pensamento weberiano, aos dados puramente conceituais, construídos para fins de análise sociológica, jamais se encontrando na realidade em toda a sua pureza; não é isso que acontece em algumas interpretações sobre as relações de gênero.

Para Margaret Mead (2000) as formas em que se desenvolve o comportamento de homens e mulheres não é feita de forma neutra e, também para Mauss (2003) a forma como o corpo é

---

<sup>15</sup>No puxadinho ensaio sensual é tema de conversa. Disponível em <<http://bbb.globo.com/BBB10/Noticias/>> Acesso em 24 de maio de 2010.

<sup>16</sup> Chat: Lia sobre posar nua: "Tem que ser uam coisa que valha muito a pena". Disponível em <<http://bbb.globo.com/BBB10>> Acesso em 15 de maio de 2010.

<sup>17</sup> Chat- Fernanda diz que não sabe se vai posar nua. Disponível em <<http://bbb.globo.com/BBB10/Noticias/>> Acesso em 24 de maio de 2010.



utilizado também não é neutro, ou seja, o uso do corpo é um instrumento de tradução das relações sociais presentes em determinada organização social. Ora “para saber por que ele faz determinado gesto e faz outro, não bastam nem fisiologia nem psicologia da dessimetria motora do homem, é preciso conhecer as tradições que impõem isso”<sup>18</sup>.

Se há, portanto, uma concepção consolidada sobre a existência de formas múltiplas de comportamento masculino e feminino, por que se continua fazendo formulações e reformulações de um perfil? Por meio de uma perspectiva foucaultiana pode-se encontrar uma resposta a esta questão. O perfil seria um mecanismo de poder necessário para a regularidade dos corpos. Ele também é um instrumento capaz de aprisionar e vigiar. No entanto, com base nos pressupostos teóricos de Foucault (2004) a função essencial do perfil não é proibir e punir, mas sim de produção, de intensificação e multiplicação.

De acordo com Swain (1999) quando se quer traçar um perfil é muito fácil cair no essencialismo, pois o perfil é algo estável marcado por uma experiência unívoca dentro de um bloco homogêneo e monolítico de coerência, portanto, determinar o que é uma mulher ou um homem (seus corpos, suas ações e imaginário) é uma tarefa impossível.

### *Bibliografia*

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitárias, 2004.

HEILBORN, M. L. De que gênero estamos falando? *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, 1(2). Rio De Janeiro, dezembro/ 1994, pp. 1-8.

MAUSS, M. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In.: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MEAD, M. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

PETCHESKY, R. Políticas de derechos sexuales através de países y culturas: marcos conceptuales y campos minados. In: R. PARKER, R. PETCHESKY, & R. SEMBER, *Políticas sobre sexualidad: repórteles desde las líneas del frente*. México: SPW, s/d.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs*, 5 (4), 1980.

---

<sup>18</sup> MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In.: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p.411.



RUBIN, G. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoria radical de la sexualidad. In: C. VANCE, *Placer y peligro. Explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Revolucion, 1989.

\_\_\_\_\_. *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. Recife: SOS Corpo, 1993.

SWAIN, T. N. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. In *Cadernos Pagu*, n. 12, 1999.

\_\_\_\_\_. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas". In *História: Questões & Debates*, n.34, pp. 11-44. Editora da UFPR, 2001.

SCOTT, J. W. El género: una categoria útil para el análisis histórico. In: LAMAS, M.. *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. México: PUEG, 1996.

\_\_\_\_\_. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril, 2005.

WEBER, M. (2004). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4. ed. Brasília, DF; São Paulo: Ed. da UNB: Imprensa Oficial.

WITTIG, M. *El pensamiento heterosexual y otros ensaios*. Madrid: EGALES, 2006.